

MARIA SOB A SOMBRA DE EVA: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS DISCURSOS DAS MULHERES CATÓLICAS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

MARY UNDER EVA'S SHADOW: IMAGES AND FEMALE REPRESENTATIONS IN THE SPEECH OF CATHOLIC WOMEN OF GERMAN COLONIZATION IN SOUTHERN BRAZIL

Valdir Eidt

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
E-mail: valdireidt@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v24i2.923>

Recebido em: 15.08.2022

Aceito em: 19.09.2022

Resumo: Este artigo discute imagens e representações femininas presentes nos discursos das três únicas mulheres cujas vozes se fizeram ouvir em pelo menos um dos Congressos Católicos realizados entre os anos de 1898 e 1940 nas zonas de imigração alemã no sul do Brasil. Os discursos dessas mulheres se afinam em larga medida ao ideário tradicional da igreja católica acerca da condição feminina e replicam o assim chamado “elogio da maternidade”, que praticamente identifica a mulher com a mãe.

Palavras-chave: Educação, representações de gênero, colonização alemã.

Abstract: This article discusses images and female representations present in the speeches of the only three women whose voices were heard in at least one of the Catholic Congresses held between 1898 and 1940 in the German immigration zones in southern Brazil. The speeches of these women are largely in tune with the traditional ideology of the Catholic Church about the female condition and replicate the so-called “praise of motherhood”, which practically identifies the woman with the mother.

Keywords: Education, gender representations, German colonization.

1 Introdução

Os congressos católicos para praticantes de fala alemã eram eventos que desde o ano de 1898 eram realizados de dois em dois anos e eram organizados e protagonizados predominantemente pelos padres jesuítas e lideranças leigas afinadas com o “projeto regional de restauração da Igreja Católica” e as reuniões e assembleias eram presididas e frequentadas predominantemente pelos homens, embora haja indícios de discreta participação feminina desde



A Revista Missioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

os primeiros encontros, quando participavam apenas como ouvintes. De um total de 20 eventos, sendo 19 congressos católicos gerais e um congresso regional, apenas em 4 houve participação de mulheres na condição de palestrantes. Ágathe Fessler, Josefina Wiersch e Maria Rohde são as três únicas mulheres que figuraram, como oradoras na programação desses eventos. Veremos que os discursos dessas mulheres se afinam em larga medida ao ideário tradicional da igreja católica e as imagens e representações que emergem dos seus discursos remetem à Maria, a mãe de Jesus que havia se consolidado como modelo para a mulher cristã católica durante o século XIX e a quem se atribuía o amor, a paciência, o autossacrifício e a invisibilidade como principais qualidades. Mostraremos como nos aspectos gerais elas partilham da linha editorial da Revista St Paulus Blatt no que se refere às imagens e representações femininas.

2 Catolicismo e feminilidade: Eva e Maria

Ao recuperar as imagens da mulher no decorrer da história, Tedeschi (2012) atribui à religião judaico-cristã o papel decisivo de implementar pensamentos e práticas que levaram à inferiorização da mulher. Não só a religião judaico-cristã, mas de um modo geral os monoteísmos seriam responsáveis pelo apagamento gradual do importante papel que as mulheres tiveram nos cultos primitivos e a religião patriarcal que essas religiões monoteístas criaram representam Deus como um ser masculino que fala somente para os homens. Assim argumenta que:

Importa-nos saber que imagens, construídas a partir do discurso judaico-cristão, mais especificamente do discurso moral cristão, são, pois, incorporadas pelas mulheres e identificadas como imagens femininas a serem seguidas, ou seja, modelos do feminino veiculadas e defendidas pela Igreja. (TEDESCHI, 2012, p. 58).

Quando se toma como referência a Bíblia Sagrada, o primeiro modelo, ou a primeira imagem que o cristianismo apresenta da mulher é a figura de Eva, a companheira de Adão. O Gênesis oferece duas versões da criação. Na primeira delas, Eva e Adão são criados de forma igual, a partir do pó: “Então o SENHOR Deus formou o ser humano do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e ele tornou-se um ser vivo” (Gn, 2; 7). Assim como foram criados a partir da mesma substância, o pó, também foram criados de forma igual: “Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea ele os criou” (Gn, 1; 27). A segunda versão da criação, que é também a que mais se propagou na história do cristianismo, já coloca a mulher numa condição “derivada” ou “auxiliar” em relação ao homem:

E o SENHOR Deus disse: ‘Não é bom que o ser humano esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe corresponda’ (...) Então o SENHOR Deus fez cair um sono profundo sobre o ser humano e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. Depois da costela tirada do ser humano, o SENHOR Deus formou a mulher e apresentou-a ao ser humano. (Gn, 2; 18).

Na medida em que a mulher é gerada a partir do homem, seu caráter é caracterizado como derivativo e imperfeito. Para Tedeschi (2012) a anterioridade de Adão em relação à Eva na criação é usada nos argumentos teológicos para legitimar uma construção social na qual a mulher figura em segundo lugar, uma espécie de complemento para satisfazer as necessidades do homem. Para Heinemann, embora o cristianismo descreva o casamento como uma união de ajuda mútua “só as mulheres são consideradas como ajudantes do homem: Eva foi feita para ajudar Adão; e não vice versa” (1996, p. 24). É uma ideia presente também nas Epístolas de São

Paulo: “Quero que saibais que a cabeça de todo homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem e a cabeça de Cristo é Deus” (1 Cor. 11:3-4). Em outra passagem, onde o apóstolo Paulo justifica a necessidade do uso do véu por parte das mulheres fica evidente que a imagem feminina não se assemelha com Deus: “o homem não deve cobrir a cabeça porque é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem, pois o homem não procede da mulher, e sim a mulher, do homem” (1 Cor. 11: 7-9).

Além de ocupar o segundo lugar na ordem da criação do ser humano, Eva também é teologicamente representada como responsável pelo pecado original, que está claramente relacionado com o controle da sexualidade. Afinal de contas, Eva sucumbiu às tentações da serpente, comeu o fruto da árvore proibida e o ofereceu a Adão que também comeu. A maldição que resultou dessa transgressão foi dirigida a toda humanidade, mas o peso maior recaiu sobre a mulher: “Entre dores darás à luz os filhos. A paixão te arrastará para o teu marido, e ele te dominará” (Gên. 3:16). Toldy (2010, p. 173) reconstrói resumidamente o percurso teológico realizado pelo mito do pecado original e que se constitui na “matriz da exclusão das mulheres” e as caracteriza como inferiores e pecaminosas. Afirma que essa interpretação desfavorável à mulher tem início já na patrística com Tertuliano que, falando da mulher a qualifica como “porta do diabo” e a acusa de ser a primeira a abandonar a lei divina. Para Toldy, Eva terá um peso desmedido no discurso teológico da idade média quando toda a mulher é caracterizada como uma Eva, através da qual o pecado original sempre se reafirma. Embora desde o concílio de Éfeso em 431 d.C., Maria, a mãe de Jesus, tenha passado a integrar o dogma cristão e desde o concílio de Constantinopla, em 553 d.C., a Igreja passasse a excomungar todos aqueles que negavam a maternidade da Virgem e ainda que o culto à Maria tenha crescido muito na idade média, somente no século XIX, ela alcançou a condição de símbolo da mulher cristã católica em substituição à Eva. As mudanças econômicas, sociais e políticas que marcaram o século XIX são decisivas não só para ampliar o culto à Maria, mas para promover o que Giorgio (1991, p. 203) chama de “feminilização do catolicismo”. Contribuiu para isso a promulgação do dogma da Imaculada Conceição pelo papa Pio IX no ano de 1854. Conforme esse dogma, Maria não apenas concebeu o filho Jesus sem cometer pecado algum como ainda deu à luz sem perder a virgindade. Com o reconhecimento oficial desse dogma por parte da Igreja Católica, a devoção a Maria aumentou ainda mais.

Do ponto de vista teológico, a obra “A mulher eterna – a mulher no tempo e a mulher fora do tempo” da escritora católica Gertrud de Le Fort (1954) resume muito bem as diferenças existentes entre as figuras de Eva e Maria no cristianismo e, ao mesmo tempo, explica porque Maria passou a ser o modelo da feminilidade cristã a partir do século XIX. Assim, por exemplo, argumenta que o “verdadeiro pecado original” representa a queda da mulher, não porque Eva pegou a maçã, mas porque a pegou “como mulher”. Foi um pecado que aconteceu no plano da “substância feminina”, isto é, da esfera religiosa e consistiu na tentação de se igualar a Deus. Ao pegar o fruto proibido Eva agiu no sentido oposto ao de Maria pois enquanto a virgem humildemente acolhe o ‘Fiat’, Eva tenta se igualar a Deus:

Em todo dom de si, brilha um raio do mistério da Mulher Eterna. Mas esse raio se extingue quando a mulher procura a si própria. Ao sublinhar seus traços pessoais, a mulher destrói sua figura eterna. A procura de si mesma se acha na raiz do pecado da mulher, na raiz do pecado de Eva. (LE FORT, 1954, p. 20).

Como a passagem deixa claro, para o catolicismo, não cabe à natureza feminina, à essência eterna da mulher, o cuidado com os “traços pessoais”. Singularmente a mulher deve ser contida, recatada e reservada. Não cabe à mulher a busca por dotes intelectuais e nem o cultivo da vontade de saber. Por outro lado, a preocupação com a própria aparência, com seu corpo físico é um desvio da sua essência eterna e a porta de entrada do pecado. Na comparação com Maria, Eva ocupa uma posição oposta, pois através do seu ato de desobediência se tornou causa da morte dela própria e de toda a humanidade, enquanto Maria, através de sua obediência, se tornou causa da própria salvação e também da humanidade: “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria” (ALEXANDRE, 1999, p. 515).

A comparação que geralmente se estabelece entre Eva e Maria se deve em grande parte à relação que essas duas mulheres paradigmáticas tiveram com o prazer corporal, nomeadamente o prazer sexual. Enquanto Eva não resistiu à tentação cuja consequência foi a expulsão da humanidade do paraíso, Maria concebeu um filho de forma imaculada, sem nenhum pecado, sem nenhuma mancha. Por intermédio de Maria, a igreja conseguiu “oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada pela primeira mulher e mãe, Eva” (LIMA e TEIXEIRA, 2008, p. 114). É curioso que mesmo o “modelo mariano” não liberta a mulher do sentimento de culpa. Pelo contrário ele “sugere um sentido de culpabilidade, para as demais mulheres, pela impossibilidade de realizarem uma maternidade virginal” (JURKEVICS, 2010, p.6). Por isso o paradigma feminino do ideário cristão católico no que se refere à sexualidade é marcado pela dicotomia sedutora/salvadora e quando, dentro desse modelo a mulher obedece à injunção divina que estabelece “Crescei e multiplicai-vos”, ela o faz em um território de pecado, o que a faz simultaneamente santa e pecadora. Jurkevics sugere então que não se deve tomar o conjunto de referências mentais que a igreja católica constrói em torno do universo feminino como uma dicotomia entre Eva e Maria, mas como alternância de modo que ora prevalece uma, ora prevalece outra. Para ela, essas duas mulheres “não se excluem, antes se complementam (...) Eva sem Maria representa a perdição e, portanto, o aniquilamento, mas, por outro lado Maria sem Eva, também não sobrevive, não procria” (JURKEVICS, 2010, p. 9).

3 Propósitos da educação feminina nos Congressos e na imprensa católica

Autorrenúncia e espírito de sacrifício estão entre as características exigidas da mulher que se espelha na figura de Maria. São virtudes esperadas especialmente por causa da maternidade, a “vocação” da mulher. É para o exercício dessas virtudes que se voltava a educação feminina preconizada nos congressos católicos tanto naqueles realizados na Alemanha, quanto nos realizados no sul do Brasil durante o período da colonização. A imprensa católica igualmente se colocava a serviço da propagação desses ideais e são também estas as imagens presentes nos discursos das poucas mulheres que fizeram ouvir a sua voz. Tais imagens foram construídas ao longo do século XIX na Alemanha e trazidas pelos devotos do catolicismo para o sul do Brasil onde foram difundidas, propagadas e consolidadas.

No Congresso Católico realizado na cidade de Trier na Alemanha em 1887, a educação feminina foi o tema abordado pelo orador Dr. Philipp Hammer em uma palestra intitulada “Sobre a formação e a educação da juventude feminina”¹. Seu alvo principal é a educação

¹ HAMMER, 1887, p. 123- 142.

liberal que critica duramente acusando-a de ter expulsado o cristianismo da família, da escola, da lei, da ciência, da arte, da moral e da sociedade de um modo geral, bem como de ter atacado o casamento cristão e a escola confessional e ter causado uma miséria social sem precedentes. Depois o orador estabelece os propósitos de uma verdadeira educação cristã católica. A juventude feminina, afirma, deve ser educada para conseguir aprovação nos seguintes exames: “de dona de casa virtuosa, de esposa fiel, como mãe cristã ou mesmo como virgem consagrada.” Segundo o orador a educação liberal, entre outras deficiências teria ainda o efeito de comprometer a moral e os bons costumes, no sentido em que eles eram compreendidos pela mentalidade católica e cuja preservação seria mais uma das implicações da “vocaçãõ” da mulher, isto é, da maternidade. Para ilustrar com um exemplo, relata uma história publicada num jornal católico da época. Era o caso de uma jovem mulher, pertencente à “melhor e próspera classe” que convivia com a desagradável situação de ver seu marido todas as noites abandonando o lar e a família para se entreter na taverna ao ponto de se sentir mais em casa na taverna do que na própria casa. No entender do orador, esta mulher, produto de um modelo educacional que a preparou apenas para a moda e para os salões de baile é responsável, através de seu comportamento por “expulsar o homem de casa (...) toda a miséria, toda a degradação da família recairá sobre seu fardo e culpa.”³

A crença que atribui a responsabilidade pela degradação moral do homem ou da família inteira à mulher, acompanhou a mentalidade propagada entre os colonizadores teuto brasileiros no sul do Brasil. A respeito disso um artigo publicado na Revista St Paulus Blatt⁴ em junho de 1930 é bastante ilustrativo. Ainda mais se considerarmos que o artigo em questão foi publicado no espaço “para as mulheres⁵”. O autor do artigo é indicado apenas como “alguém que o faz com boa intenção”. No texto se conta a história de um homem que estabelece uma comparação entre o modo como é recebido pelos donos da “venda⁶” quando chega no estabelecimento e o modo como é recebido pela esposa quando retorna para casa. Num tom provocativo, o artigo insta as leitoras a refletir sobre a diferença entre as duas acolhidas. Enquanto os donos da “venda” recebem seus clientes de forma leve, com uma saudação amigável, lhes perguntando sobre seu bem estar, oferecendo uma mesa arrumada e lhes trazendo o jornal, as esposas, recebem os maridos sob um clima abafado e carregado com palavrões, acusações e repreensões. Diante disso, o “bem intencionado” articulista recomenda que as esposas aprendam com os comerciantes e que façam “por amor” ao “sagrado matrimônio” aquilo que eles fazem por “interesse comercial”.

2 “als tüchtige Hausfrau, als treue Gattin, als christliche Mutter oder gar als gottgeweihte Jungfrau” (HAMMER, 1887, p. 126).

3 “den Mann zum Hause hinaus-treibt (...) dann fällt das ganze Elend, die ganze Familienzerrüing ihr zur Last und Schuld” (HAMMER, 1887, p. 131).

4 A revista St. Paulus Blatt foi criada como órgão oficial de imprensa da Volksverein (Sociedade União Popular) no 9º Congresso Católico realizado em fevereiro de 1912 em Venâncio Aires. A Volksverein tinha como finalidade a promoção do bem estar material e espiritual dos católicos de descendência alemã no Rio Grande do Sul e foi responsável também pelo projeto de Colonização Porto Novo no extremo oeste catarinense cuja implantação se deu em 1926.

5 A partir de fevereiro de 1927, a revista Paulus Blatt passa a ter uma seção intitulada “Für die Frauen” (Para as mulheres) com artigos que se voltavam para temas morais tais como os deveres, obrigações e comportamentos que cabiam às mulheres enquanto moças virgens, esposas ou mães e aqueles que continham orientações práticas sobre os cuidados com a alimentação, higiene, vestuário, prevenção e tratamento de doenças. Nenhum assunto da vida cotidiana dos moradores das zonas de colonização escapava desse espaço. Desde o início os editores faziam apelos para que as próprias mulheres ocupassem o espaço, escrevendo artigos, mas somente em março de 1931, isto é, 4 anos depois apareceu a primeira colaboradora regular, a enfermeira Ágathe Fessler, que também foi uma das três mulheres a figurar como palestrante em Congressos Católicos.

6 No texto se usa a palavra “vendeleute”, que poderíamos traduzir por comerciantes, isto é, os donos das casas comerciais que existiam nas diversas zonas de colonização. A “Vende” era a casa comercial onde se podia comprar todas as coisas necessárias para o cotidiano da vida na colônia: ferramentas de trabalho, sementes, insumos, itens para a vestuário, gêneros alimentícios, etc. Também era um local de encontro e convivência onde se jogava baralho, pitava um cigarro e tomava uma cachaça. Pode-se dizer que, depois da Igreja, a “Vende” era o local mais frequentado numa comunidade rural.

Não se deveria, por amor a ele, por amor a si mesma e por toda a família, fazer uma saudação amistosa quando o homem retorna da ‘venda’ para casa? Olhar com alegria para ele, lhe perguntar como está, lhe contar rapidamente alguma coisa agradável, arrumar a toalha de mesa, lhe trazer o jornal?⁷

O artigo termina com um apelo para as esposas. Que elas “coloquem a mão no coração” e aprendam daqueles que fazem por interesse comercial aquilo que elas próprias não conseguem fazer por amor. Em outras palavras, parafraseando o discurso do Dr. Hammer “se os homens se sentem mais em casa no comércio do que na própria casa” a culpa disso é das esposas que não sabem como “segurá-los”. O Dr. Hammer considera que o maior perigo da educação liberal é equiparar a formação masculina com a feminina o que no limite poderia fazer com que a juventude feminina fosse fascinada pela força de uma palavra que “de tempos em tempos se faz ler e ouvir, a palavra: emancipação feminina.”⁸ Este seria o propósito mais perigoso da educação liberal e uma grande ameaça aos valores cristãos. Para o orador a dignidade que o cristianismo atribui à mulher já é “tão elevada” que não pode ser ainda “mais elevada”. Hammer considera que “nada poderia ser mais perigoso no mundo do que uma mulher emancipada, uma dita ‘senhora do mundo’ sem fé e temor de Deus, sem religião e sem senso de costumes sagrados.”⁹ Para ele a educação feminina deve ensinar as moças a “fazer sacrifícios é que devem ser educadas as moças jovens, para que elas próprias saibam fazer sacrifícios e também para ensinar aos outros a fazê-los.”¹⁰ O autossacrifício e a autorrenúncia que o modelo católico propugnava para a parcela feminina da população implicava até mesmo no sacrifício da própria aparência física. Muito embora a virgem Maria ou mesmo a mãe de Jesus seja normalmente descrita como uma mulher de beleza física invejável, a preocupação com a aparência física e o cuidado com ela não fazia parte do ideário cristão católico feminino. Pelo menos não no que se refere ao cuidado artificial através do uso de cosméticos, adornos ou adesão à moda. E isso valia não só para os católicos de descendência alemã, mas também para outras etnias. Descrevendo os hábitos e valores das comunidades rurais de imigração italiana no Rio Grande do Sul, Fávoro (2002) cita como uma das principais virtudes de uma boa esposa a ausência ou o ocultamento de dotes físicos. Tal descuido ou despreocupação com a aparência é descrita como virtude. “Nunca devemos permitir” se lia num jornal de Caxias do Sul em 1915 “que nos penetre no coração esse mal que [...] occultamente arruina o lar e que se chama ambição [...] uma mulher ambiciosa perde, em frente ao espelho, muito tempo, que deve a sua casa, aos afazeres domesticos” (A Encrenca. Caxias do Sul, 21 de mar. 1915, p. 2, apud, FAVARO, 2002, p. 118).

4 Mulheres que falam: as três mulheres que figuraram nos Congressos Católicos do Sul

Somente três mulheres participaram como oradoras dos Congressos Católicos realizados no sul do Brasil entre os anos de 1898 e 1940. Nenhuma delas havia nascido no Brasil. Ágathe Fessler era austríaca de nascimento e havia imigrado ao Brasil em 1929 quando já tinha 59 anos de idade. Em sua cidade natal, Bregenz na Áustria havia acumulado ampla experiência com

7 “Dürfte man denn nicht ihm zuliebe, sich selbst und einer ganzen Familie zuliebe einen freundlichen Gruss hervorholen, wenn der Mann vom Geschäft heimkommt?” (St. Paulus Blatt, nº 6, Juni, 1930, p. 6).

8 “Eins der bedenklichsten Worte, die wir jetzt von Zeit zu Zeit zu hören und zu lesen bekommen, ist das Wort: Frauen-Emanzipation” (HAMMER, 1887, p. 132).

9 “Denn nichts dürfte gefährlicher in der Welt sein, als eine Emanzipierte Frau, eine sogenannte “Weltdame” ohne Glaube und Gottesfurcht, ohne Religion und Sinn für heilige Sitte” (HAMMER, 1887, p.132).

10 “zum Opferbringen muss die weibliche Jugend erzogen werden, einmal um selber Opfer bringen zu können und dann, um andere das Opferbringen zu lehren” (HAMMER, 1887, p. 135).

trabalho social e também tinha servido como enfermeira da cruz vermelha na primeira guerra mundial. Não demorou muito para se tornar colaboradora nas atividades da Volksverein no Brasil, tendo sido uma das poucas mulheres que publicou artigos nos jornais e revistas católicas na década de 30. Participou como oradora do congresso católico de Arroio do Meio em 1930 e de Selbach em 1932 onde proferiu duas palestras. Além disso, no mesmo ano, participou de uma Assembleia regional em Três Arroios, atual município de Erechim, onde também proferiu uma palestra. Josefina Wiersch e sua filha Maria Rohde, figuraram na programação do congresso católico realizado em Porto Novo no ano de 1934. Embora tenha escrito o discurso dirigido para as moças virgens no evento, Josefina não pôde proferir pessoalmente a palestra por motivos de saúde e foi substituída por sua filha Margot W. Neff. Mãe e filhas eram alemãs e em sua juventude, Josefina havia migrado por diversos países da Europa onde exercera a função de governanta e professora particular e onde havia deixado um legado escrito muito significativo na forma de artigos em periódicos de língua alemã e de orientação católica, além de ter publicado dois livros. Em 1907 Josefina e família migraram para os EUA onde ficaram até 1920 quando migraram para o Brasil e se estabeleceram em Arroio da Seca, atual município de Colinas. Em 1930, Josefina e seu marido Anton Wiersch migraram para Porto Novo onde já moravam as filhas Maria e Antônia e para onde migrou também a filha Margot, provavelmente no ano de 1931. Em Porto Novo, Josefina concluiu sua obra principal que é o livro “Durch drei Welten” (Através de três mundos) que foi publicado na Alemanha provavelmente no ano de 1936. Já a filha Maria W. Rohde havia migrado juntamente com o marido Carlos Rohde, diretor da Volksverein e um dos responsáveis pela implantação da colônia Porto Novo no ano de 1926. Assim, por ocasião da realização do Congresso Católico em Porto Novo no ano de 1934, toda a família de Anton e Josefina Wiersch, isto é, as três filhas e os três genros moravam na colônia de Porto Novo e estavam envolvidos pessoalmente com a implantação do projeto.

Com exceção do artigo intitulado “Josefina Wiersch no Vale do Rio da Seca” de Hilda Agnes Hübner Flores e da tese de doutorado de Gisela Anna Bütner Lermen, intitulada “Mulheres e Igreja – memórias desafiadoras. Contribuição ao resgate da história de mulheres imigrantes alemãs católicas, na região colonial alemã do Brasil meridional durante a época da restauração católica (1850-1939),” não encontramos menção à essas autoras em outras obras relativas à colonização alemã no sul do Brasil. Por iniciativa do pesquisador Miquéias H. Mügge, com a nossa colaboração e também de Isabel Cristina Arendt e Arthur Blásio Rambo neste ano de 2022 foi publicado pela editora Oikos de São Leopoldo, o livro “A trajetória de uma escritora imigrante – Josefina Wiersch entre três mundos¹¹”.

5 Maternidade, a vocação da mulher!

Na condição de primeira mulher a discursar num Congresso para católicos de fala alemã no sul do Brasil, Ágathe Fessler discursou sobre Frauenfürsorge em Arroio do Meio em 1930. A palavra alemã Frauenfürsorge pode ser entendida tanto como os cuidados que a sociedade deve ter para com as mulheres, quanto como o exercício do cuidado pelas mulheres. Pelo conteúdo

11 A trajetória da família Wiersch e os escritos de Josefina e sua filha Maria são tema de minha pesquisa de doutorado intitulada “O jeito ‘certo’ de ser mulher”: imagens e representações femininas nos discursos de mulheres católicas da colonização alemã do sul do Brasil”, que está em fase de conclusão e que explora os livros e artigos de imprensa escritos por essas mulheres, muitos dos quais são totalmente desconhecidos entre os pesquisadores da colonização alemã no sul do Brasil.

do discurso de Ágathe, percebe-se que ela utilizou a palavra no segundo sentido. Assim, por exemplo, ao definir a maternidade cristã, ela já supõe uma maneira própria de ser feminina, ou por assim dizer, uma natureza feminina:

A mãe cristã ensina às crianças os dez mandamentos e vive segundo os bons exemplos [...]. Ela não tolera xingamentos e blasfêmias em sua casa. Ela santifica o dia do senhor. Ela é boa e simpática para com seus pais e sogros. Ela reprime explosões de raiva. Ela ensina às crianças que o olho de Deus vê tudo, que elas tem um anjo da guarda ao seu lado [...] o amor, a paciência e auto sacrifício que uma mãe cristã dedica aos seus e, portanto, à comunidade também florescem como se estivessem num jardim escondido de Deus¹².

O ônus que recai sobre a mulher cristã conforme este discurso é elevado. Implica num constante exercício de autocontrole emocional. A ideia de amor que orienta a mãe cristã já implica autossacrifício, mas a característica mais marcante nesse discurso é a crença de que as virtudes da mulher cristã florescem num jardim “escondido” de Deus, isto é, não podem, não devem aparecer publicamente. É sob o véu do silêncio e do anonimato que floresce a virtude da mulher. Tudo indica que as mulheres que fizeram uso da tribuna nos congressos católicos ou empunharam a pena para publicar na imprensa católica só puderam fazê-lo na medida em que seus discursos não contrariavam as ideias centrais sobre o ser feminino do modelo católico. Embora seja paradoxal é como se essas mulheres tivessem sido convidadas ou convocadas a proferir publicamente que o papel da mulher é se recolher ao âmbito da vida privada. De alguma maneira os convites condicionavam quando, como, onde e o que as mulheres deveriam falar e também como deveriam agir. Dois anos depois, no Congresso realizado em Porto Novo, Margot Wiersch Neff, lê o discurso em que sua mãe Josefina descreve detalhadamente o papel que julga ser representado pela mãe numa família católica:

a virtude da mãe se transmite para as filhas e que grande responsabilidade por isso está nas mãos das mulheres. Elas são decisivas para a estrutura de todo agregado familiar, para o tom que governa a família, para a educação das crianças, elas são o cerne da família. Sim, queridas moças virgens, vocês carregam uma grande sorte, e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade em vossas mãos e em vossos corações. Sobre vós repousa o futuro das próximas gerações, de vós depende a maioria das coisas, principalmente se ela poder ser chamada de virtuosa. Seja uma família do campo ou da cidade, que deveis presidir, tomem sempre de forma séria e exata os vossos deveres! Permaneçam felizes e cheias de confiança em Deus em todas as situações de vida! Vosso caráter, seja sério ou alegre, será compartilhado por toda a família¹³.

Além das atribuições já elencadas pela enfermeira Ágathe, Josefina acrescenta às responsabilidades do ser feminino a salvaguarda dos valores morais da família e também a tarefa de educar as crianças. Joga sobre elas a responsabilidade pelas gerações futuras e ainda

12 “Die christliche Mutter lehrt die Kinder die zehn Gebote, und lebt ihnen das gute Beispiel vor [...] sie duldet kein Fluchen und Gotteslästern in ihrem Hause. Sie heiligt den Tag des Herrn. Sie ist gut und freundlich zu ihren Eltern und Schwiegereltern. Sie unterdrückt Zornesausbrüche. Sie lehrt die Kinder, dass Gottes Auge alles sieht, dass sie einen Schutzengel zur Seite haben [...] Die Liebe, Geduld und Aufopferung, die eine christliche Mutter den ihrigen und damit auch der Allgemeinheit weiht, blühen gleichsam in einem verborgenen Gottesgarten.” (FESSLER, 1930, p. 118).

13 “wie die Tugend der Mutter sich vererbt auf die Tochter und welch grosse Verantwortung daher in den Händen der Frauen liegt. Sie sind ja massgebend für den Zuschnitt des ganzen Haushaltes, für den Ton, der in der Familie herrscht, für die Erziehung der Kinder, sie sind der Kern der Familie. Ja, ihr lieben Jungfrauen, ihr tragt ein grosses Glück, zugleich aber auch eine grosse Verantwortung in euren Händen und in eurem Herzen. Auf euch beruht die Zukunft des kommenden Geschlechtes, von euch hängt es meistens ab, ob das kommende Geschlecht ein tugendhaftes genannt werden darf”. (WIERSCH, 1934, p. 82).

as responsabiliza pela pelo tom ou pelo atmosfera que vigora nas relações intrafamiliares. Mas as responsabilidades das moças e mulheres não se resumem ao âmbito doméstico e familiar. Também em suas aparições públicas, cabem-lhes deveres e responsabilidades específicas:

E quando vocês precisam sair sozinhas, sem a proteção dos pais ou conhecidos, seja em viagem ou a cavalo ou em outras viagens maiores, então se vistam de maneira simples e discreta, se mantenham sérias e cautelosas e duplamente atentas¹⁴.

Estas inocentes dicas práticas de comportamento social para as moças virgens escondem representações de gênero segundo as quais cabe às próprias mulheres a proteção contra possíveis investidas ou violências advindas do mundo masculino. É bastante representativo não só aquilo que está dito nas afirmações de Josefina, mas também aquilo que está oculto. Nas entrelinhas de seu discurso praticamente está declarado que mulheres e moças passeando desacompanhadas, se mostrando simpáticas e comunicativas estão se “oferecendo” para a importunação. Se elas forem importunadas é porque através de seu comportamento deram margem para as investidas masculinas. Não é à toa que na fala para as moças virgens um dos assuntos também foi o vestuário, sendo que o alvo principal foi a moda: “muitas vezes nos últimos anos a moda tem sido uma gozação sobre a disciplina e dignidade das mulheres e um incentivo à tentação¹⁵”. A adesão indiscriminada à moda feminina faz com que as moças se tornem alvo de comentários zombeteiros, desdenhosos e até mesmo intrusivos advindos do mundo masculino. Também aqui Josefina responsabiliza as moças pelo desrespeito do universo masculino, o que na prática atribui à vítima a responsabilidade pela violência que sofre. A crítica à moda, aliás, era um tema constante na revista *Paulus Blatt* que, nunca é demais repetir, era o órgão oficial da Sociedade União Popular. O tema foi abordado de forma intensa a partir de 1930, no espaço ‘para as mulheres’. “Vista-te com modéstia” é o apelo de artigo publicado em agosto de 1930. Uma mulher se veste com “modéstia” quando, por exemplo, o decote de seu vestido deixa “livre só o pescoço e não mais. As mangas e a saia devem ser tão compridas que os braços e as pernas fiquem quase totalmente cobertos. A cobertura não deve ser feita de tecido transparente ou vazado. As roupas não devem ser justas.¹⁶” Depois de alertar as leitoras sobre a “gravidade” do assunto e tirá-las da “ignorância” a respeito do mesmo, bem como esclarecê-las sobre o “desejo de pecar” que certa forma de vestir pode despertar no sexo oposto, o texto termina com uma injunção: “você sempre se vestirá modestamente de agora em diante¹⁷!” Na edição de dezembro do mesmo ano a revista se refere a um tipo de moda que denomina de pecaminosa:

A moda pecaminosa com a qual estamos particularmente preocupados consiste na falta de cobertura de partes do corpo do sexo feminino, cuja visão é capaz de despertar desejos insensíveis no sexo masculino, especialmente nos jovens. Isso inclui o peito nu, ombros nus, braços, costas e também pernas nuas. O mesmo vale para roupas transparentes¹⁸.

14 “Und wenn ihr allein auszugehen habt, ohne Schutz der Eltern oder Bekannten, sei es auf Reisen oder Ritten oder sonstigen grösseren Fahrten, dann kleidet euch einfach und unauffällig, seid ernst und zurückhaltend und doppelt vorsichtig”. (WIERSCH, 1934, p. 74).

15 “Vielfach war die Mode in den letzten Jahren geradezu eine Verhöhnung von Zucht und Frauenwürde und ein Anreiz zur Versuchung” (WIERSCH, 1934, p. 73).

16 “nur der Hals selbst frei gelassen werden und nicht weiter. Aermel und Rock sollen so lang sein, dass die Arme und Beine nahezu ganz bedeckt sind. Die Bedeckung soll nicht aus durchsichtigen oder durchbrochenen Stoffen bestehen. Die Kleider sollen nicht eng angelegt sein.” (St. Paulus Blatt, nº 8, August, 1930, p. 10).

17 “so wirst du von jetzt an dich stets sittsam kleiden!” ((St. Paulus Blatt, nº 8, August, 1930, p. 10).

18 “Die sündhafte Mode, die wir hier besonders im Auge haben, besteht im Mangel an Bedeckung der Körperteile des weiblichen Geschlechts, bei deren Anblick das männliche Geschlecht, besonders die Jugend, leicht zu unfeuschen Begierden angeregt wird. Dazu gehört die entblösste Brust, die entblössten Schultern, Arme, rücken und auch die entblössten Beine. Das gleiche gilt von durchsichtigen Kleidern” (St. Paulus Blatt, nº 12, Dezember, 1930, p. 4).

Na medida em que só se fala dos trajes femininos e dos supostos “pecados” provenientes da exposição do corpo feminino, é se levado a pensar que o desejo sexual é experimentado só pelos homens, como se as mulheres não pudessem igualmente ser tomados por desejos “insensíveis”. Ao descrever a moda que expõe partes do corpo feminino como pecaminosa, mais uma vez é a sombra de Eva que emerge sob a representação feminina. Como argumenta Heinemann (1996, p. 137) “o perigo tem feições femininas”. E essa não era a visão apenas dos homens. Tais discursos encontraram ressonância também nas poucas vozes femininas que se faziam ouvir. Com o título “escravidão”, a enfermeira Ágathe Fessler se refere à moda em artigo publicado em janeiro de 1932. Descreve como num período de 30 anos, a moda masculina e feminina teve várias mudanças, sempre sendo obedecida de maneira cega pelos “escravos da moda”, fossem eles os homens, ou, principalmente “as fracas mulheres” que sacrificavam o conforto, a praticidade e até mesmo a saúde para não contrariar os ditames da moda: “os espartilhos eram apertados todos os dias até que os pulmões e o fígado não funcionassem mais. O rei da moda de Paris criou essa moda e milhares de mulheres pagaram por ela com morte ou enfermidade vitalícia¹⁹”. Também em relação ao aspecto moral a enfermeira critica a moda cujos elementos “indecentes” se apresentam sob a forma de saias curtas, vestidos decotados, roupas apertadas que são o “anúncio da prostituta”; apela às mulheres cristãs que deixem essa moda indecente e termina seu texto afirmando que “a mulher cristã pode ser reconhecida por sua roupa modesta²⁰”. Como já afirmamos acima, quando discursa para as moças virgens de Porto Novo, no congresso católico de 1934 Josefina também aborda o tema da moda. Não recrimina as moças por desejarem andar bem vestidas, e nem por desejarem se vestir de modo moderno, mas as orienta a não exigirem “bugigangas inúteis” e a considerar sempre a situação econômica dos pais ao apresentar suas demandas: “com boa vontade alguma vestimenta usada se deixa converter em uma nova, um rosto alegre em uma roupa simples, causa uma impressão dez vezes melhor que o mais caro e moderno vestido que envolve um rosto insatisfeito²¹”, afirma.

O tratamento que o catolicismo dedicou à moda liberal nas zonas de colonização alemã reflete muito claramente o que Heinemann (1996) denomina de “pessimismo sexual” que para o cristianismo estaria ligado à maldição do pecado original e da sua punição, transformando o sexo fora do casamento e sem o propósito da procriação em pecado e o corpo da mulher é descrito como causa principal da tentação. Daí tanta ênfase na necessidade de cobrir o corpo feminino e “protegê-lo” dos olhares concupiscentes dos homens.

Assim como a moda era alvo constante das críticas do catolicismo, também os hábitos e costumes urbanos eram criticados e, em seu lugar se valorizava a vida rural e se enalteciam os hábitos e costumes dos colonos. Assim no Congresso Católico de Arroio do Meio em 1930 Ágathe Fessler adverte as filhas dos colonos sobre os “perigos da cidade”, dizendo ter observado com frequência que essas moças se dirigem para a cidade com o suposto propósito de aprender

19 “Man schnürte das Korsett jeden Tag enger bis Lunge und Leber nicht mehr funktionierten. Der Parismodelkönig biltierte diese Mode und Tausende von Frauen bezahlten sie mit den Tode oder lebenslänglichen Siechtum”. (St.Paulus Blatt, nº 1, Januar, 1932, p. 12).

20 “die Meldung der Halbweltlerinne. Die christliche Frau erkennt man an der antändigen Kleidung” (St.Paulus Blatt, nº 1, Januar, 1932, p. 12).

21 “Bei gutem Willen lässt sich manches gebrauchte Kleidungsstück um ändern, und ein frisches, heiteres Gesicht in einem einfachen Gewand macht einen zehnmal besseren Eindruck als das teuerste und modernste Kleid, das ein uzufriedenes Gesicht umrahmt” (WIERSCH, 1934, p. 72).

a cozinhar e costurar, quando na realidade estariam apenas perseguindo os “prazeres mais abundantes” oferecidos pela vida urbana. Na cidade seu destino poderia ser comparado ao de “moscas que perecem miseravelmente nas teias da aranha da tentação²²”. Argumenta que o êxodo das moças em direção à cidade pode até ser justificado na Europa onde milhares de filhos e filhas de colonos são obrigados, por falta de oportunidade no campo, a migrar para as cidades em busca de uma profissão. Este não seria o caso aqui no Brasil onde abundantes áreas de terras baratas e férteis estariam apenas esperando as mãos que lhes arrancassem os “tesouros”. Então Ágathe faz um apelo: “Queridas filhas de colonos, vocês nem sabem que grande sorte Deus lhes deu ao coloca-las na colônia, onde podeis receber suas graças diretamente da terra. Por isso, eu lhes peço e conjuro, sejais fiéis à colônia!²³”

A crença no caráter contínuo e reiterado da cultura é próprio do catolicismo da época e Josefina, por exemplo, defende papéis sociais definitivos para os diferentes membros familiares. Há papéis que funcionam como destinos para as mulheres. É assim que no texto que redigiu para as moças virgens no Congresso Católico de Porto Novo, ela afirma que o título de sua palestra, qual seja, “como é lindo um gênero virtuoso” se aplica de forma especial às moças virgens pois elas, na condição de “futuras mães”, têm a honra e a “grande responsabilidade” de honrar a virtude que corresponde ao seu gênero. “Não se esqueçam que também vós sereis mães²⁴”, afirma ao aconselhar as moças a respeitar as próprias mães. Após descrever as diversas virtudes que cabem à juventude feminina, Josefina ainda sugere que quando é a mulher virtuosa, a mãe que está à altura das exigências que correspondem à sua condição que dá o “tom” que vigora numa família, então se tem uma casa “ensolarada, amigável e pacífica” na qual dos “rostos frescos das crianças irradia uma viva alegria de viver²⁵”.

A ideia segundo a qual a mãe é também a primeira professora das crianças e que está nas mãos dela o futuro moral das novas gerações é defendida igualmente pela enfermeira Ágathe Fessler no congresso regional de alemães católicos, realizado em Três Arroios (atual município de Erechim) em 1932. Ágathe defende a crença segundo a qual a educação moral das crianças começa no período de gestação, o que aumenta ainda mais a responsabilidade da mãe pela formação moral do filho. Afirma ter testemunhado pessoalmente a história de uma família de advogados que tinham 5 filhos, sendo que o primogênito, já conhecido pelo hábito de praticar pequenos furtos, um dia se envolveu num assalto. Diante do escândalo, o pai se enfureceu e quis deserdar o filho, mas a mãe foi em sua defesa assumindo a própria culpa e partilhando-a também com o pai. Para Fessler, o caráter do futuro criminoso começou a ser formado ainda no útero quando a mãe, devido à avareza do pai, que não dava dinheiro suficiente para que pudesse comprar os alimentos necessários para se alimentar bem, roubava a diferença. Em outras palavras, ela está dizendo que o ato de ‘roubar’ foi transmitido da mãe para o filho ainda no útero de modo que a criança já nasceu com um traço moral definido. Para ela, “o caráter de uma criança está completo aos seis anos de idade²⁶” e “se um jovem é gentil ou teimoso, se é mesquinho ou sincero, desonesto, falso, insidioso ou nobre, isso é amplamente decidido pela mãe.”²⁷ É uma

22 “wie die Fliege im Spinnennetz der Verführung elendiglich zugrunde zu gehen“ (FESSLER, 1930, p. 124).

23 “Liebe Kolonistentöchter, ihr wisst gar nicht, welches Glück euch der liebe Gott geschenkt hat, indem er euch auf eine Kolonie gesetzt hat, wo ihr seine Gaben direkt aus seiner Hand empfangt. Darum bitte und beschwöre ich euch, bleibt der Kolonie treu!” (FESSLER, 1930, p. 124).

24 “Vergesst niemals, dass auch ihr einmal Mutter werdet” (WIERSCH, 1934, p. 73).

25 “sonnig, freundlich und friedlich, aus den frischen Kindergesichtern strahlte helle Lebensfreunde” (WIERSCH, 1934, p. 81).

26 “Der Charakter des Kindes ist mit sechs Jahren vollendet!” (FESSLER, 1933, p. 90)

27 “Ob ein junger Mensch gütig oder rechthaberisch, ob er geizig oder aufrichtig, verschlagen, falsch, heimtückisch oder edel

“ampla” decisão que começa na gestação e continua nos primeiros anos de vida. Depois disso praticamente vira destino. Muito além de ser um honra e um empoderamento, a maternidade é associada à responsabilidade: “assim vocês podem ver, queridas mães, quão importante e grande é a vossa tarefa²⁸.” Devido a grandeza e a importância que subjazem à maternidade, Fessler eleva a mãe à condição de “representante de Deus²⁹” e compara sua obra e seu poder ao próprio Criador. Assim como Deus não pergunta às criaturas o que é bom ou ruim para elas, decidindo Ele próprio sobre esses temas, também as mães não devem perguntar aos filhos o que “eles querem” e nem mesmo acolher seus desejos quando estes forem “inadequados”, sob pena de perder toda sua “autoridade”. A relação mãe e filho deve ser semelhante à relação entre o divino e o humano: ao humano cabe suplicar e acolher com gratidão as graças recebidas e com resignação aceitar as súplicas negadas. No congresso católico realizado na Colônia Selbach um ano antes, Ágathe Fessler havia realizado duas palestras, sendo que numa delas, intitulada “Você deve honrar seu pai e sua mãe”, ela havia afirmado: “Deus, o Senhor deu aos pais um pouco do seu poder criativo. Ele lhes deu um pouco de sua autoridade divina.³⁰” O “empoderamento” que a maternidade confere à mulher, no entanto fica longe de tornar sua vida mais fácil e confortável. Ao contrário, a torna mais difícil e pesada, principalmente porque vem associada aos deveres de dona de casa: “para a mulher a vocação de mãe foi destinada, difícil o suficiente junto com os deveres de uma dona de casa³¹”. Essa declaração foi feita por Ágathe na palestra realizada na Colônia de Arroio do Meio em 1930 quando afirma o papel da mãe como primeira professora da criança e ao mesmo tempo fixa sua posição como dona de casa e descreve essa posição como “um grande e pesado fardo. Ser uma dona de casa requer uma ampla gama de saberes, grandes conhecimentos antecipados³²”. Essa “ampla gama” de conhecimentos antecipados está diretamente relacionada com os serviços práticos próprios da atividade doméstica: cozinhar, limpar, lavar, cuidar da higiene pessoal dos filhos, prestar os primeiros socorros, cuidar dos animais domésticos, cultivar a horta, cuidar do pomar, armazenar e conservar legumes e frutas, enfim, administrar a casa, inclusive economicamente com os recursos obtidos pelo marido. Até mesmo porque, a luta econômica é atribuída ao homem que “em sua força e com seus agudos dons espirituais é o chefe da família (...) por isso o primeiro dever do homem é que a mulher tenha um estilo de vida adequado e que ela seja saudável. Ele não permitirá que a mulher execute pesados trabalhos na roça e no mato.³³” Na medida em que considera a procriação como objetivo do casamento, sugere que os anos que o antecedem devem ser utilizados pelos jovens para adquirir os conhecimentos e habilidades necessários para o ingresso na vida conjugal. Além de supor a defasagem de muitas moças nos conhecimentos elementares para a “vocação” do casamento, Fessler elenca ainda uma série de outros conhecimentos que a futura mãe deve obter antes de se comprometer com um marido. São conhecimentos que pressupõe uma espécie de trabalho investigativo sobre o histórico de sanidade física e moral do futuro marido. A noiva precisa ainda se certificar a respeito da profissão de seu futuro marido para ter certeza de que está apto para

ist, das entscheidet in hohem Masse die Mutter” (FESSLER, 1933, p. 90)

28 “Daran könnt ihr sehen, liebe Mütter, wie wichtig und gross eure Aufgabe ist” (FESSLER, 1933, p. 90).

29 “du bist Gottes Stellvertreter” (FESSLER, 1933, p. 91).

30 “Gott der Herr gab den Eltern von seiner Schöpferkraft. Er gab ihnen von seiner göttlichen Autorität” (FESSLER, 1932, p. 82).

31 “Der Frau ist der Mutterberuf auferlegt, schwer genug nebst den Hausfrauenpflichten” (FESSLER, 1930, p. 121).

32 “eine grosse schwere Bürde. Hausfrau sein, setzt vielseitiges Wissen, grosse Kenntnisse voraus” (FESSLER, 1930, p. 119).

33 “Darum ist es erste Pflicht des Mannes, für hinreichende Lebensführung, für die Gesundheit der Frau zu sorgen. Er erlaube nicht, dass die Frau schwere Feld-und Waldarbeiten verrichte”. (FESSLER, 1930, p. 121).

sustentar uma família. É notável que em todo o discurso dirigido às futuras esposas e mães não há nenhuma alusão à palavra amor. Em nenhum momento a enfermeira fala sobre a necessidade de possíveis ou prováveis afinidades entre os noivos, sentimentos recíprocos de amor e paixão. Fica muito claro que não existe a menor possibilidade do casamento visar outro objetivo fora da maternidade. É o que a própria Ágathe declara na 1ª de suas duas palestras realizada no Congresso Católico de Selbach: “Crescei, multiplicai-vos e preenchem a terra! Este, de acordo com a ordenança do sábio criador, é o propósito da instituição do casamento³⁴.” Só se casa para ter filhos e o primeiro critério para se casar ou deixar de se casar com alguém é a capacidade que essa pessoa tem de gerar filhos saudáveis. Por isso Ágathe lamenta a supressão da “antiga lei do casamento” que exigia que os noivos tivessem “atestado de saúde” e um “comprovante de renda” para consumar a união: os noivos devem “estar de posse de plena força e saúde, devem ter renda suficiente para poder alimentar bem uma família³⁵”. Estes requisitos eram tão importantes e decisivos para a enfermeira que ela os aplicou a si própria declarando-se inapta ao casamento: “eu estava com o coração tão fraco até o final dos meus 30 anos que não conseguia nadar, dançar, andar de bicicleta ou fazer montanhismo. Eu rejeitei qualquer abordagem deixando claro que eu não era adequada para o casamento³⁶.” Feitas essas observações sobre as condições necessárias para o ingresso no casamento, Fessler se volta para a descrição das atividades que poderiam substituí-lo e até mesmo compensar a sua ausência. Trabalhar como professora, assistente social, enfermeira, trabalhadora na indústria, na jardinagem, cultivo de flores ou verduras e até mesmo criar galinhas seriam atividades capazes de substituir o casamento. Em outras palavras isso quer dizer que o casamento é visto como uma profissão (beruf) como qualquer outra. Assim como algumas pessoas não tem conhecimentos e habilidades para criar galinhas e, portanto, não devem fazê-lo, outras não tem as condições e as habilidades para se casar e, igualmente não devem fazê-lo.

Na medida em que lamenta a supressão da lei que regulava o “antigo casamento”, Fessler também deixa evidenciado que possui conhecimento sobre casamentos que são regulados por outra lógica, afora a procriação. Conhece-os, mas não os aprova e, menos ainda os recomenda. Antes os lastima e associa a práticas “criminosas” como o aborto, por exemplo. Depois de elogiar como incomparavelmente bela e adorável uma família com 16 filhos que compareceram todos no aniversário de 80 anos da mãe, acompanhados de um grande número de netos e bisnetos, ela lamenta a “raridade” dessas famílias nos dias em curso e atribui esse fato a “um fantasma que parece ter saído do inferno, trajando um manto sem vergonha, um rosto amigável e benevolente para a mulher, a adaga na mão contra a criança³⁷”. Se refere, sem usar a palavra, ao aborto e questiona como “tal inimigo herodiano conseguiu encontrar abrigo em nossas famílias católicas³⁸?” Atribui justamente a causa da infiltração do “inimigo herodiano” ao ingresso de muitas moças com saúde

34 “Wachset, mehret euch und erfüllet den Erdkreis! Das ist nach des weisen Schöpfers Anordnung Zweck und Einsetzung der Ehe” (FESSLER, 1932a, p. 38).

35 “Sollen im Besitz von Vollkraft und Gesundheit sein, sollen genügend Einkommen haben, um eine Familie gut ernähren zu können.” (FESSLER, 1932a, p.40).

36 “Ich war bis Ende meiner 30er Jahre so herzschwach, dass ich nicht schwimmen, nicht tanzen, nicht radfahren, nicht Bergsteigen konnte. Ich wies jede Annäherung zurück mit dem Hinweis, dass ich für die Ehe nicht taugte”. (FESSLER, 1932a, p. 41).

37 “Heute sieht man selten mehr solche Familien. Es geht unter uns Christen ein Gespenst um, das der Hölle entstiegen zu sein scheint, in schamlosem Gewande, ein freundlich wohlwollendes Gesicht gegen die Frau, den Dolch in der Hand gegen das Kind” (FESSLER, 1932a, p. 39).

38 “Staunend fragt man sich, wie konnte ein solch herodianischer Feind Eingang in unseren katholischen Familien finden?” (FESSLER, 1932a, p. 39).

e vocação insuficientes no casamento e critica os que usam o “pretexto” da situação econômica para controlar a natalidade, recorrendo ao aborto que se apresenta no “terno da moda”.

6 Preservar a tradição: um dever da mãe

A crença numa ordem social estática, hierárquica e atemporal que acompanhou o ideário cristão católico da colonização também se revela através da afirmação do valor da tradição. É a criação e a preservação da tradição que assegura a conservação da ordem pressuposta, protegendo-a dos perigos modernos (liberalismo e socialismo) que a ameaçam. Também para essa tarefa é convocada em primeiro lugar a mulher, em especial a figura da mãe, responsável pelo governo da vida doméstica. É assim que, falando para as moças sobre como deveriam ser os encontros com rapazes em vista dos futuros casamentos Josefine Wiersch dá como exemplo a sua própria experiência e a de seus pais:

Na casa dos meus pais o horário das 10 marcava o fim dessas visitas. E assim como a minha mãe o fazia, também era costume na casa dos pais dela e assim também eu o fiz com minhas filhas. E este é um costume praticado em todos os lugares na pátria alemã, isto é, na pátria dos vossos antepassados, em cada casa cristã era e ainda é uma regra³⁹.

O que a passagem citada reafirma mais uma vez é a crença no caráter imutável e cíclico da história, bem como numa ordem social estática, hierárquica e definitiva no interior da qual todos os membros devem aprender os papéis sociais para os quais estão destinados, assumir esses papéis e corresponder a eles e, da mesma forma que os herdaram de seus antepassados, devem transmiti-los a seus sucessores. Em uma cultura com tais características, a educação adquire um caráter reprodutivo: ela deve replicar no presente as tradições do passado e ao mesmo tempo projetá-las no futuro.

Talvez entre todos os documentos escritos sobre a preservação do valor da tradição entre os alemães católicos, principalmente na colônia de Porto Novo, o discurso de Maria Rohde no Congresso realizado em 1934 em Itapiranga seja o que melhor expressa o significado desse valor. Ela inicia seu discurso mencionando um poema que atribui aos primeiros emigrantes alemães um juramento de fidelidade à fé e ao modo de ser (*deutsche art*) da sua velha pátria, comprometendo-se ainda na preservação e transmissão desses valores para as novas gerações. Então ela se questiona sobre se esse juramento se converteu em realidade e, referindo-se especificamente à Colônia de Porto Novo, sua resposta é afirmativa:

Eu acredito que, nossa colonização, nossa Porto Novo, dá a melhor resposta para isso. Colônia da sociedade União Popular para alemães católicos, assim é seu nome, assim se fala dela e são realmente os filhos dos filhos destes imigrantes alemães, que na época juraram sua fidelidade à fé e ao modo de vida alemão, que procuraram e também encontraram aqui em Porto Novo uma nova pátria alemã e católica⁴⁰.

39 “In meinem Elternhaus war 10 Uhr die Schlussstunde für dergleichen Besuche. Und wie meine Mutter es hielt, so war es auch Brauch gewesen in ihrem Elternhaus, und so habe ich es wieder mit meinen Kindern gehalten. Und das ist ein Brauch, der überall in der deutschen Heimat, also in der Heimat eurer Ahnen, in jedem christlichen Hause Sitte war und noch ist” (WIERSCH, 1934, p. 75).

40 “Ich glaube, unsere Kolonisation, unser Porto Novo, selbst gibt die beste Antwort darauf. Volksvereinkolonie für deutsche Katholiken, so ist ihr Name, so spricht man von ihr, und es sind wirklich die Kindeskinde jener deutschen Einwanderer, die damals ihrem Glauben und ihrem deutschen Volkstum Treue gelobten, die sich hier in Porto Novo eine neue deutsche und eine katholische Heimat suchten, die sie auch fanden” (ROHDE, 1934, p. 140)

Então Maria recorda a origem dos primeiros imigrantes alemães mencionando a região de onde vieram, a Renânia e o esforço que fizeram para preservar em meio às florestas virgens das áreas de colonização no sul do Brasil os seus bens culturais mais preciosos como a fé religiosa e o modo de ser alemão. Além de enaltecer a capacidade que os imigrantes tiveram de preservar sua tradição “sem ajuda externa, apenas contando consigo mesmos”, Maria ainda menciona o propósito da sua geração em dar continuidade à mesma tradição: “como naquela época, também hoje, cada homem alemão, cada mulher alemã está animado com a ideia de preservar fielmente a fé católica e o modo de vida alemão⁴¹”. Maria sabia do que estava falando pois acompanhara pessoalmente a implantação da colônia de Porto Novo desde o 1º ano tendo visto de perto a chegada de novos imigrantes. Sem deixar de reconhecer todas as dificuldades e obstáculos enfrentados pelos primeiros imigrantes nas primitivas condições das florestas virgens de Porto Novo, ela comemora:

O que os pais celebravam, ainda celebramos hoje. O que fazia o orgulho deles, também é nosso orgulho hoje, assim como eles trabalhavam, também nós trabalhamos hoje. Fidelidade e honestidade era o seu lema, fidelidade e honestidade também dever ser o nosso⁴².

Então ela passa a elencar os costumes e tradições trazidos da Alemanha e conservados em Porto Novo: celebração de festas religiosas como páscoa, pentecostes, natal, Kerb (festa do padroeiro), o apreço e o amor pela música desde as obras mais “elevadas” e “grandiosas” dos grandes músicos até as melodias mais simples das canções folclóricas. Enaltece a esse respeito principalmente o “progresso edificante” realizado pela escola que é responsável também pela preservação da cultura alemã. Finaliza seu discurso dizendo que Porto Novo é um ótimo destino para novos imigrantes alemães: “aqui eles encontrarão uma segunda pátria nova, um povo consanguíneo que, fiel à sua fé, fiel à língua alemã, fiel ao jeito alemão, criou com a resistente diligência alemã, este belo lar e são contados entre os melhores cidadãos brasileiros⁴³”. Esta mesma tradição, tão valiosa para Maria Rohde e os costumes e valores que a constituem, geralmente é descrita pelas escritoras católicas em questão como sendo originária da ação das mulheres, em especial daquelas que são mães. Josefne, como já argumentamos, considera a educação das crianças como um dever da mãe, e o modelo de educação que ela prescreve é hereditário: a avó ensina a mãe, que ensina as filhas que, por sua vez, exercitam seu aprendizado primeiramente com suas bonecas e mais tardiamente com suas filhas. Ao falar sobre o 4º mandamento da lei de Moisés no congresso católico de Selbach em 1932, Ágathe Fessler, enfatizou a mesma ideia.

As crianças certamente ouvem a lição, mas olham muito mais para o teu exemplo. Qualquer um que deve dar leis aos outros deve primeiro viver de acordo com elas. Quando você, pai, fica bêbado sem sentido, maltrata tua esposa, filhos e animais de estimação, amaldiçoa, não santifica o domingo, sempre briga com teus vizinhos, faz discursos selvagens na frente dos teus filhos, quando você, mãe, leva teus filhos a fofocar, a mentir, a roubar, através dos teus exemplos os veste de maneira inadequada, deixa todos os maus hábitos adentrar, quando vocês, se

41 “ist auch heute jeder deutschen Mann, jede deutsche Frau hier von dem Gedanken beseelt, den katholischen Glauben und die deutsche Art in Treue zu bewahren” (ROHDE, 1934, p. 141).

42 “Was die Väter einst feierten, das feiern auch wir noch heute. Was ihren Stolz ausmachte, ist heute auch unser Stolz, wie sie arbeiteten, tun auch wir heute noch. Treu und redlich war ihr Wahlspruch, treu und redlich soll auch der unsere sein.” (ROHDE, 1934, p. 142).

43 “Hier finden sie ein zwite, neue Heimat, ein blutverwandtes Volk, das, treu im Glauben, treu der deutschen Sprache, treu der deutschen Art, sich mit zähem deutschen Fleiss diese schöne Heimat geschaffen hat, und mit zu den besten Bürgern Brasiliens gerechnet wird” (ROHDE, 1934, p. 146)

menosprezarem na frente dos filhos, expões vossos erros mutuamente na frente dos filhos, onde os filhos deverão então, obter respeito pela lei de Deus⁴⁴?

O conteúdo do modelo educacional defendido por essas escritoras se encontra acima de tudo na tradição e é composto antes de mais nada pelos valores e princípios que orientam a vida cristã católica que então é transmitida para as novas gerações como uma herança.

7 Considerações finais

As representações e imagens acerca do ser feminino prevalentes nas primeiras décadas da colonização alemã no sul do Brasil são uma herança direta do culto à Maria, a mãe de Jesus que no decorrer do século XIX alcançou no catolicismo europeu a condição de modelo para a mulher cristã católica em substituição à Eva. Contudo, apesar da figura de Maria substituir a de Eva na representação da mulher católica, ela não consegue suplantá-la por completo, conservando alguns traços da mesma. Tais imagens e representações foram reproduzidas também pelas poucas mulheres que puderam fazer ouvir as suas vozes nos espaços públicos das comunidades católicas.

Referências

ALEXANDRE, Mônica. *Do anúncio do reino à igreja: papéis, ministérios, poderes femininos*. História das Mulheres. Vol. 1. Porto: Afrontamento, 1999.

EIDT, Valdir. O jeito “certo” de ser mulher: Josefina Wiersch e a identidade da mulher católica. In. MÜGGE, Miquéias H. (org.) *A trajetória de uma escritora imigrante: Josefina Wiersch entre três mundos*. São Leopoldo: Oikos, 2022.

FESSLER, Ágathe. *Du sollst Vater und Mutter ehren*. In GENERALVERSAMMLUNG DER DEUTSCHEN KATHOLIKEN VON RIO GRANDE DO SUL; 15, 1932, Colônia Selbach. Katholikenversammlung in Colônia Selbach 1932, von. 30 Januar bis 3. Februar. Herausgegeben von Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1932b. p. 81 a 90.

FESSLER, Ágathe. *Frauenfürsorge*. In. GENERALVERSAMMLUNG DER DEUTSCHEN KATHOLIKEN VON RIO GRANDE DO SUL; 14, 1930, Arroio do Meio. Katholikenversammlung in Arroio do Meio 1930. Porto Alegre, Typografia do Centro, 1930. P. 117 a 125.

FESSLER, Ágathe. *Mutter und Kind*. In, REGIONAL-KATHOLIKENTAG IN TRÊS ARROIOS MUNIZIP BOA VISTA DO ERECHIM 1932. Vom 19. Bis 21. November, veranstaltet für die deutschsprechenden Bewohner dês Munizip unter dem Protektorat S. Erzell. D. Antonio Reis, Bischof von Santa Maria. Herausgegeben im Auftrage der Diözese Santa Maria. Bearbeitet von Redakteur Anton Hugger. Porto Alegre : Typografia do Centro, 1932. P. 88 a 95.

44 “Die Kinder hören wohl die Lehre, sie schauen aber weit mehr auf dein Beispiel. Wenn du, Vater, dich sinnlos betrinkst, im Rausch Frau, Kinder und Haustiere misshandelst, fluchst, keinen Sonntag heiligst, mit deinen Nachbarn immer streitest, wüste Rede vor deinen Kindern führst, wenn du, Mutter, deine Kinder zum Klatschen, zum Lügen, zum Stehlen anleitest, durch dein Beispiel sie unanständig kleidest, alle Unarten hingehen lässt, wenn ihr euch, Vater und Mutter, selbst vor den Kindern herabsetzt, eure Fehler vor den Kindern gegenseitig aufdeckt, woher sollen dann die Kinder Achtung vor Gottes Gesetz hernehmen?” (FESSLER, 1932b, Selbach, p. 83).

FESSLER, Ágathe. *Vom Standpunkt der Familie und des Volkes*. In, GENERALVERSAMMLUNG DER DEUTSCHEN KATHOLIKEN VON RIO GRANDE DO SUL; 15, 1932, Colônia Selbach. Katholikenversammlung in Colônia Selbach 1932, von. 30 Januar bis 3. Februar. Herausgegeben von Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1932a. p. 38 a 44.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Josefina Wiersch no Vale do Rio Seca. In ARENDT, Isabel Cristina & WITT, Marcos Antônio (Orgs.). *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 264 a 270.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.) *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991 v.4, p. 199-238.

HAMMER, Philipp. Über Erziehung und Bildung der weiblichen *Jugend*. In GENERALVERSAMMLUNG DER KATHOLISCHEN VEREINE DEUTSCHLANDS; 34, 1887, Trier. Verhandlungen der vierundreissigsten Generalversammlung der Katholischen Vereine Deutschlands in Trier am 28., 29., 30., 31. August und 1. September 1887. Herausgegeben vom dem Lokal-Komitee zu Trier. Trier, 1887. Kommissions-Verlag von Eduard Groppe. Druck der Paulinus-Druckerei. 355 Seiten. 1887, p. 123 - 142

JURKEVICS, Vera Irene. *Virgem Maria: Paradigma da “superioridade espiritual feminina”*. *Anais eletrônicos Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. - Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LE FORT, Gertrud Von. *A mulher eterna – a mulher no tempo, a mulher fora do tempo*. Tradução de José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1953.

LERMEN, Gisela Anna Bütner. *Mulheres e igreja – memórias desafiadoras*. Contribuição ao resgate da história de mulheres imigrantes alemãs católicas, na região colonial alemã do Brasil Meridional durante a época da restauração católica (1850 – 1939). São Leopoldo, Tese (doutorado), Programa de Doutorado em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2004.

MÜGGE, Miquéias H. (org.) *A trajetória de uma escritora imigrante: Josefina Wiersch entre três mundos*. São Leopoldo: Oikos, 2022.

PICHLER, Meinrad. Selbstverwirklichung im Dienst an anderen Leben und Werk der Bregenzer Sozialarbeiterin Agathe Fessler (1870-1941). In. *Quergänge – Vorarlberger Geschichte in Lebensläufer*. Hohenems: Druck Verlag Netzwerk, 2007. P. 160-187.

RAMBO, Arthur Blasio. *Somando forças – o projeto social dos jesuítas no sul do Brasil*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3. ed. Tradução de Paulo Froés. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

ROHDE, Maria. *Treueglöbnis zu der Vorväter Art*. In. HAUPTVERSAMMLUNG DER DEUTSCHPRECHENDEN KATHOLIKEN SÜDBRASILEIENS; 16., 1934, Porto Novo. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Veranstaltet als XVI. Hauptversammlung der deutschsprechenden Katholiken Südbraisiens im Jahre 1934 vom 1. bis 4. Februar. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1934. p. 139 a 147.

TEDESCHI, Losandro Antônio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico*

metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

TOLDY, Teresa M. *Deus e a palavra de Deus na teologia feminista*. São Paulo: Paulinas, 1996.

WIERSCH, Josefina. *Durch Drei Welten – Lebensweg einer deutschen Frau*. Saarbrücken: Saarbrücken Druckerei und Verlag AG, s.d.

WIERSCH, Josefina. *O wie schön ist ein tugendhaftes Geschlecht*. In. HAUPTVERSAMMLUNG DER DEUTSCHPRECHENDEN KATHOLIKEN SÜDBRASILEIENS; 16., 1934, Porto Novo. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Veranstaltet als XVI. Hauptversammlung der deutschsprechenden Katholiken Südbraßiliens im Jahre 1934 vom 1. bis 4. Februar. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1934. p. 72 a 83.